

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

TAMARA JOSÉLIA MARTINS

A teoria da feminilidade e a mulher em Freud.

Belo Horizonte

2015

TAMARA JOSÉLIA MARTINS

A teoria da feminilidade e a mulher em Freud.

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Teoria Psicanalítica do departamento de Psicologia Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho.

Belo Horizonte

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Martins, Tamara Josélia.

A teoria da feminilidade e a mulher em Freud / Tamara Josélia Martins; orientadora Dra. Maria Teresa M. Carvalho. – Belo Horizonte, 2015.

52f.

Monografia (Especialização) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica. Área de Concentração: Psicanálise

1. Feminilidade 2. Mulher. 3. Freud 4. Psicanálise

I. CARVALHO, M. T. M. Título: A teoria da feminilidade e a mulher em Freud.

Nome: Martins, Tamara Josélia.

Título: A teoria da feminilidade e a mulher em Freud

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.

Instituição: Assinatura: _____

Prof.

Instituição: Assinatura: _____

Prof.

Instituição: Assinatura: _____

Dedico este trabalho a minha mãe... por ser forte e corajosa, apesar dos reveses da vida e ter me incentivado a ser destemida e persistente.

Agradecimentos

Ao Enio, meu amor, meu escolhido, por ter me ensinado que a pausa faz parte do caminho. A minha orientadora Prof^a Dra. Maria Teresa pela delicadeza e por sua orientação valiosa e riquíssima em conhecimento. Ao professor Fábio Belo pela escuta acolhedora e apontamentos precisos na delimitação do tema. A minha professora de graduação Cynthia Tannure por ter me inspirado e ensinado os primeiros passos na psicanálise. Aos meus colegas e amigos da especialização Aline, Carlos, Cintia e Grayson pelo apoio. A minha tia Carolina pela confiança de que este projeto se concretizaria. A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para esta conquista.

“(…) Mulher: O que sobretudo enfeitiça o espectador é a magia demoníaca desse sorriso. Centenas de poetas e escritores já escreveram sobre essa mulher que ora parece sorrir-nos tão sedutoramente, ora parece fitar o espaço, friamente e sem alma. E ninguém jamais decifrou o enigma de seu sorriso nem leu o significado de seus pensamentos. Tudo, até mesmo a paisagem, assemelha-se a um sonho e parece sofrer a influência opressiva da sensualidade.” (FREUD, 1910/1996 – p.114).

Resumo

Neste trabalho, buscamos discutir o tema da feminilidade e da mulher nas obras de Freud. Tentamos organizar o entendimento freudiano sobre o feminino a partir de três grandes marcos, por assim dizer: 1) o feminino marcado pelo adoecimento; 2) a constituição psíquica feminina; 3) o feminino no contexto da cultura. Inicialmente, Freud aborda o tema do feminino a partir das manifestações históricas, ainda que a histeria também possa ser encontrada em homens. Posteriormente, o tema da inveja do pênis, a travessia do complexo de Édipo e a passagem à feminilidade pela via da alteração da zona erógena ganham destaque no desenvolvimento do pensamento freudiano. Já nas obras culturais, o autor destaca postura anticivilizatória adotada pela mulher. Após ser deixada de lado pelos homens, ocupados com a construção da civilização, a mulher se mostra hostil à civilização. Em certo sentido, no final das contas, trata-se de uma espécie de atualização da condição invejosa anteriormente experimentada. No limite, o que marca a mulher nos textos aqui discutidos é a inferioridade perante a figura masculina.

Palavras-chave: Mulher. Feminilidade. Freud. Psicanálise.

Sumário

Introdução	09
Capítulo 1 – Escuta da feminilidade nos casos clínicos de Freud	11
1.1 - O papel da mulher e a feminilidade em alguns relatos clínicos de Freud	14
1.1.1-O caso de Elisabeth Von R.	14
1.1.2 – O Caso Dora	18
1.1.3 – O Caso da Jovem Homossexual	23
Capítulo 2 – As bases da feminilidade na sexualidade infantil	27
2.1 - A sexualidade feminina nos textos freudianos que tratam das teorias sexuais infantis e da diferença dos sexos	27
2.2 – Os trabalhos tardios de Freud sobre a feminilidade	34
Capítulo 3 - A feminilidade na perspectiva de textos freudianos que versam sobre o social ou o cultural	38
3.1 - Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna	38
3.2 - O mal-estar na civilização	41
3.3 - O tabu da virgindade	42
3.4 - A cabeça de medusa	44
3.5 - Uma neurose demoníaca do século XVII	45
3.6 - Grande é Diana de Éfesos	45
Considerações Finais	48
Referências Bibliográficas	50

Introdução

O trabalho que aqui segue surge a partir de um questionamento acerca do papel da cultura na construção da subjetividade feminina. Inicialmente, minha proposta era discutir as influências da mídia sobre a construção da subjetividade das mulheres, haja vista os ideais produzidos em torno do corpo ideal, do peso ideal e, no final das contas, da mulher ideal. Além de ser mulher, fato que me implica junto à temática, minha curta experiência de consultório, bem como minha atuação no campo da estética corporal contribuíram para refletir sobre os pontos citados.

Apesar do interesse em discutir os efeitos da mídia na subjetividade feminina, percebi que se tratava de um tema muito amplo, além da dificuldade em encontrar referências bibliográficas embasadas na psicanálise. O tema, pareceu-me também requerer uma entrada no campo da psicologia social no que se refere à discussão sobre gênero. Sendo assim, foi necessário recortar algum aspecto passível de leitura a partir do referencial psicanalítico.

Diante do exposto, busquei discutir o tema da feminilidade em Freud. Fiz a opção de percorrer diferentes períodos de sua obra, tentando organizar o entendimento freudiano sobre o feminino a partir de três grandes marcos, por assim dizer: 1) o feminino marcado pelo adoecimento; 2) a constituição da sexualidade feminina; 3) o feminino no contexto da cultura.

Sendo assim, no primeiro capítulo, *Escuta da feminilidade nos casos clínicos de Freud*, abordamos os aspectos da feminilidade, sexualidade feminina tendo como referência alguns casos clínicos freudianos e as discussões iniciais, de Freud, acerca do tema da histeria.

No segundo capítulo, *As bases do feminino na sexualidade infantil*, foram tratados os pontos da teoria freudiana que apontam as diferenças na constituição das sexualidades feminina e masculina.

Já no terceiro capítulo, *A feminilidade na perspectiva de textos freudianos que versam sobre o social ou - o cultural*, retomamos a temática do feminino tendo como referência os últimos textos freudianos, sobretudo aqueles que compõem as chamadas obras culturais do pai da psicanálise. Na conclusão, buscamos sintetizar os principais pontos abordados ao longo do presente trabalho numa tentativa de vislumbrar uma resposta para a questão: qual teria sido o peso da cultura da época na construção da teoria freudiana acerca da sexualidade feminina e, conseqüentemente, da subjetividade da mulher?

Se Freud chegou a sugerir-nos que buscássemos poetas no sentido de revelar os mistérios da alma feminina, de nossa parte, tentaremos percorrer a sua própria obra. Não desvendaremos os mistérios da alma, obviamente.

Capítulo 1– Escuta da feminilidade nos casos clínicos de Freud

A partir das investigações teórico-clínicas sobre as manifestações somáticas corporais das histéricas, Freud, no texto *“Estudos sobre a histeria”* (Freud, 1893/1996) propõe as primeiras formulações a respeito do inconsciente, bem como a hipótese sobre o conflito psíquico, formulações que, mais tarde, participarão de sua construção da primeira tópica.

Em 1882 Josef Breuer que já era um médico de alta reputação em Viena e amigo de Freud há algum tempo, relata a ele o caso de sua paciente Anna O.. Freud, que acabara de formar em medicina ficou bastante impressionado, embora seus interesses estivessem concentrados na anatomia do sistema nervoso. Cerca de três anos depois Freud foi estudar em Paris com Charcot na Salpêtrière.

Seus estudos e experiências realizados com Charcot na Salpêtrière, estão relatados no texto *“Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim”* (Freud, 1886/1996). Nesse texto, Freud descreve que quando chegou a Paris, candidato a Bolsa de Estudos do Fundo Jubileu Universitário, no ano de 1885-6, seu interesse era continuar os estudos de neuropatologia, pois concluiu *“que nada de essencialmente novo poderia esperar aprender numa universidade alemã (...) e que “A escola francesa de neuropatologia, por outro lado, parecia-me prometer algo diferente e característico de sua maneira de trabalhar (...). (Freud, 1886/1996 – p.39)*

Assim, Freud abandonou as possibilidades de freqüentar outros hospitais e conferências com outros professores e escolheu o Salpêtrière para acompanhar o desenvolvimento das pesquisas de Charcot. Os estudos de Charcot sobre a histeria em pacientes masculinos e femininos, além da grande afeição de Freud em relação à figura de seu professor, chamaram sua atenção. Ainda neste trabalho, são apresentados os estudos que intencionavam libertar a histeria dos preconceitos bastante difundidos, como a irritação genital e a simulação, mencionadas principalmente quando se tratavam das mulheres, como relata Freud na passagem seguinte:

Entre estes estão a suposição de que a doença histérica depende da irritação genital, o ponto de vista de que nenhuma sintomatologia definida pode ser atribuída à histeria simplesmente porque nela pode ocorrer qualquer combinação de sintomas e, finalmente, a exagerada importância dada à simulação no quadro clínico da histeria. Durante as últimas décadas, é quase certo que uma mulher histérica seria tratada como simuladora, do mesmo modo que, em séculos anteriores, certamente seria julgada e condenada como feiticeira ou possuída pelo demônio. (FREUD, 1886/1996, p.44 - 45).

Dessa forma, esse trabalho apresenta como os estudos de Charcot consistiam em observar suas pacientes, destacando os pontos sensíveis no corpo delas que, quando tocados, provocavam as crises histéricas. Além disso, permite a delimitação da constituição de uma doença orgânica vinculada ao psiquismo. Neste período, foi com desconfiança que Freud relatou sobre o uso do hipnotismo¹, embora reconhecesse o resultado da técnica:

(...) verifiquei que nessa área determinadas coisas aconteciam abertamente diante dos nossos olhos e que era quase impossível duvidar delas; assim mesmo, eram tão estranhas que não se podia acreditar nelas, a menos que delas se tivesse uma experiência pessoal.” (FREUD, 1886/1996 – p. 47).

Com isso, embora Freud não faça descrição detalhada sobre casos clínicos nesse momento, percebemos que a histeria apresenta uma lógica na produção de sintomas, que posteriormente, contribuiriam para iniciar a construção da teoria freudiana sobre o feminino, como veremos no decorrer do trabalho.

Já em seu artigo “*Histeria*” (Freud, 1888/1996) a origem e definição da histeria são trabalhadas. Como já dito em “*Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*” (Freud, 1886/1996), o nome histeria, com origem nos primórdios da medicina, está rodeado de preconceitos e vinculado às doenças do aparelho sexual feminino. Na Idade Média, a histeria estava fortemente ligada à possessão e feitiçaria e os histéricos condenados à fogueira e exorcização. Além disso, a condenação ao ridículo, a simulação e exagero estabeleciam que a histeria era indigna de observação clínica. No entanto, Freud ressalta que foi com o trabalho de Charcot no Salpêtrière que se chegou a uma melhor compreensão da doença e o preconceito teria sido superado.

No texto “*Histeria*”, Freud descreve uma série de sintomas que compõem a “grande histeria” como: ataques convulsivos, zonas histerógenas, distúrbios da sensibilidade, distúrbios da atividade sensorial, paralisias e contraturas. Menciona com especial ênfase a influência da sugestão hipnótica para remoção dos sintomas histéricos, salientando que os efeitos da hipnose são psíquicos. Dessa forma, reafirma a ideia segundo a qual a histeria, embora com reações fisiológicas, é uma doença ligada ao psiquismo:

Juntamente com sintomas físicos da histeria, pode-se observar toda uma série de distúrbios psíquicos nos quais, futuramente, serão sem dúvida encontradas as modificações características da histeria, mas cuja análise, até o momento, mal começou. Esses distúrbios psíquicos são alterações no curso e na

¹ Posteriormente, nos casos de histeria, Freud utiliza da hipnose para ter acesso ao inconsciente.

associação de idéias, inibições na atividade da vontade, exagero e repressão dos sentimentos etc. (FREUD, 1888/1996, p.85).

Também é importante lembrar que o trabalho de Charcot neste contexto histórico procura desvincular a histeria de distúrbios sexuais, pois a condenação e o preconceito já haviam sido feitos antes e o objetivo principal era o tratamento da doença ou ao menos uma conceitualização científica:

No que diz respeito ao que frequentemente se considera como a influência preponderante das anormalidades na esfera sexual sobre o desenvolvimento da histeria, deve-se dizer, que no mais das vezes, sua importância é superestimada.” (FREUD, 1888/1996 – p.87).

No entanto, Freud relaciona os sintomas histéricos à sexualidade quando menciona a diminuição dos casos de histeria entre mulheres recém-casadas, mas enfatiza a volta da patologia depois de um tempo de matrimônio: *“Em geral, os primeiros anos de um casamento feliz interrompem a doença; quando as relações conjugais se tornam mais frias, e os nascimentos sucessivos acarretam um esvaziamento, reaparece a neurose.”* (Freud, 1888/1996 – p. 88)

É importante destacar que ainda neste trabalho *“Histeria”* (Freud, 1888/1996) fala do exagero de alguns teóricos que relacionavam a histeria como sendo uma especificidade da mulher. Neste texto Freud comenta a probabilidade de mulheres desenvolverem mais a histeria que os homens. Observa que a histeria pode estar combinada com neurastenia e isto causa dificuldade de distinção dos médicos em relação às duas doenças. Com isso, esclarece que na época, muitos casos de diagnósticos de histeria em mulheres eram de neurastenia. Embora aborde o tratamento médico, fala pouco sobre a compreensão da doença.

Com esses esclarecimentos, a breve distinção entre a histeria e a mulher é feita, já que nem toda mulher é histérica. Embora não explique de forma pormenorizada, aborda também a histeria masculina. Até este momento, Freud não havia abordado a mulher e a feminilidade de forma específica. Estava apenas estudando uma patologia sem discorrer sobre o feminino.

Quando Freud retornou à Viena, depois de seus estudos sob orientações de Charcot, ali se fixou para estabelecer a clínica de doenças neurológicas. Neste momento, os casos de histeria eram a proporção maior de sua clientela. No seu percurso, Freud e Breuer trabalham juntos e a partir dos estudos dos seus casos clínicos descritos em *“Estudos sobre a histeria”* (Freud, 1895/1996), observamos que a conversão histérica fala muito da mulher da época de Freud e a teoria é inovadora a época. Foi escutando as histéricas que ele percebeu que elas queriam falar da repressão sexual, do desejo, da culpa, do amor, que geravam conflitos morais

profundos. Desta forma, concluímos que as análises das características femininas ao longo desses casos, discutidos nos “*Estudos sobre histeria*”, bem como em casos clínicos posteriores, foram materiais que geraram uma reflexão sobre a mulher e a feminilidade anos depois na obra freudiana. Sendo assim, passaremos ao estudo de alguns casos clínicos de Freud descritos no decorrer de sua obra, na tentativa de extrair conclusões a respeito do papel da mulher e da feminilidade tal como Freud os apresenta.

1.1 - O papel da mulher e a feminilidade em alguns relatos clínicos de Freud

1.1.1 - O caso de Elisabeth Von R.

No trabalho “*Estudos sobre a histeria*” (Freud, 1895/1996), o último caso narrado é o da paciente chamada Elisabeth Von R. Notamos que a análise desse caso traz muito da prática psicanalítica, pois a interpretação simbólica dos sintomas é marcante.

Freud recebe Elisabeth em 1892, encaminhada por um médico conhecido que declara conhecer a família da moça e relata os infortúnios que ela estava vivendo: o pai da paciente morrera, a mãe submeteu-se a uma séria cirurgia no olho, e uma irmã casada falecera após o parto.

Elisabeth consultou-se com Freud pela primeira vez com 24 anos. Ele observa que neste momento não teve dados suficientes para compreensão do caso. A descrição que ele faz de Elisabeth é que “*ela parecia inteligente e mentalmente normal, e suportava seus problemas, que interferiam em sua vida social e seus prazeres, com ar alegre*” (Freud, 1895/1996 – p. 161). A queixa era de dor ao andar ou manter-se em pé, o que a fazia descansar frequentemente, mas apenas diminuía as dores sem eliminar.

Como não havia outros sintomas, não era possível suspeitar de afecção orgânica grave. Desse modo, durante os exames clínicos de suas dores, Freud diagnosticou o caso como histeria por dois motivos: Elisabeth estaria com atenção voltada em outra coisa e as dores eram apenas um fenômeno acessório; e quando tocada na região dolorida, Elisabeth mantinha uma expressão facial que parecia mais com expressão de prazer do que de dor. Assim, Freud concluiu que as zonas doloridas eram zonas histerogênicas.

Sendo assim, Freud propõe a Elisabeth o tratamento psíquico e não encontrou resistência alguma por parte de sua paciente em aceitar o convite. Declara que “*desde o início me pareceu provável que a Srta. Elisabeth estivesse consciente da causa de sua doença, que o*

que guardava na consciência fosse apenas um segredo, e não um corpo estranho.” (Freud, 1895/1996 – p. 164).

A família de Elizabeth morava na Hungria, ela tinha duas irmãs e era apegada aos pais. Sua mãe apresentava problemas nos olhos e nervos. Com isso, ela mantinha ligações mais estreitas com o pai e o considerava um homem alegre, viajado e dizia que ela era a filha que ocupava o lugar de um filho homem, um amigo com quem podia compartilhar ideias. Embora, tivesse o pai como companheiro para troca de ideias intelectuais, isto a afastava dos ideais sociais para uma mulher da época. Seu pai a considerava uma moça inteligente, convencida e insolente e a advertia dizendo que ela se distanciava dos ideais de mulher de sua época. Declarava que por isso, ela teria dificuldades em encontrar um marido. Por sua vez, ela não estava satisfeita com sua condição e via no casamento a falência de seus projetos de independência e autonomia:

Ela se sentia, de fato, muito descontente por ser mulher. Tinha muitos planos ambiciosos. Queria estudar ou receber educação musical e ficava indignada com a idéia de ter de sacrificar suas inclinações e sua liberdade de opinião pelo casamento. Assim, nutria-se de seu orgulho pelo pai e do prestígio e posição social da família, e guardava zelosamente tudo o que se relacionava com essas vantagens (FREUD, 1895, p. 165).

A família resolveu mudar de cidade e viviam momentos de alegria. Mas fatalmente o pai de Elizabeth adoeceu gravemente e a moça desempenhou o papel principal nos cuidados de seu pai. Neste período, teve início a doença de Elizabeth e ela afirma que as dores na perna passavam rapidamente. Com a morte do pai, uma significativa lacuna foi deixada na vida das quatro mulheres da família. Elizabeth passou a um isolamento social e com poucas das perspectivas que desejava para sua vida. Viu na recuperação da saúde da mãe a esperança de que a família pudesse encontrar algo para substituir a felicidade perdida e se reconstruir.

Quando um ano de luto passou, sua irmã mais velha casou-se com um homem inteligente e excêntrico que tinha o caráter egoísta. Esse cunhado demonstrou desprezo pela mãe e Elizabeth empreendeu uma luta contra ele sempre que tinha oportunidade. Ela não conseguia perdoar a irmã pela complacência feminina que sempre evitava tomar partido e a forma como agia com seu marido.

A irmã mais nova de Elizabeth casou-se com um homem considerado mais educado, apesar de menos dotado intelectualmente. Tiveram um filho que tornou-se o predileto dela. Para Freud (1895/1996) foi o comportamento deste cunhado que reconciliou Elizabeth com a instituição do matrimônio e com os sacrifícios que este implicava. A família envolveu-se com

os problemas de saúde da mãe e com uma cirurgia considerada inevitável. Como foi um período desgastante, saíram todos de férias afim que os pesares e temores vividos pela família desde a morte do pai tivessem apaziguamento.

Durante essas férias, as dores e fraqueza locomotora de Elizabeth tiveram início. As dores mais fortes tiveram início após uma longa caminhada, isto fez com que a partir daí ela fosse considerada a inválida da família. Seguindo aconselhamento médico, foi com a mãe passar um período de tratamento hidropático em Gastein (Alpes austríacos). Após 15 dias, Elizabeth e a mãe foram chamadas quando receberam a notícia de que a irmã mais nova havia ficado grávida novamente e encontrava-se gravemente doente. A viagem foi angustiante, tanto pelas dores de Elizabeth quanto em relação aos temores de que algo pior pudesse acontecer, o que de fato ocorreu já que chegaram tarde para despedidas, pois sua irmã havia falecido.

A família culpou a si própria e aos médicos por terem permitido o casamento, já que o problema cardíaco que levou a irmã de Elizabeth à morte, aparecera na adolescência e fora agravado por duas gestações seguidas. O marido não escapou das acusações e para Freud, *“a partir dessa época, os pensamentos de Elizabeth se ocuparam ininterruptamente com a sombria reflexão de que quando, para variar, as raras condições para um casamento feliz tinham sido preenchidas, essa felicidade chegara a um fim terrível.”* (Freud, 1895/1996 – p. 168)

O cunhado, inconsolável, se afastou da família levando consigo seu filho, considerado o único legado da esposa morta. Isso permitiu que fosse acusado de crueldade, já que afastara a criança. Desanimada e sem esperanças de recompor a alegria familiar, Elizabeth passou 18 meses em reclusão social cuidando apenas de suas dores e de sua mãe doente.

Freud persistiu com o tratamento psíquico na busca de conteúdos inconscientes que proporcionariam compreensão das causas como dos determinantes específicos dos sintomas histéricos. Elizabeth relata a Freud que foi estimulada pela família a ir a uma festa em que se divertiu. Contou que embora seu pai estivesse gravemente doente, experimentou sentimentos afetuosos por um rapaz. E que ao chegar em casa, constatou que o pai sofrera uma piora e se recriminou severamente por ter tomado tanto tempo para sua própria diversão. Essa foi a última vez que se afastou do pai para se divertir, com isso o rapaz resolveu afastar-se dela em respeito ao seu pesar. Elizabeth teve que acostumar-se com a ideia de que o interesse do jovem por ela fora substituído por outros, e que ela o havia perdido.

Freud (1895/1996) depois de muito ouvir a paciente, interpreta que o sentimento conflituoso entre a diversão e alegria e o agravamento de saúde do pai constituem as causas de suas primeiras dores histéricas. Ou seja, tratava-se de um exemplo de mecanismo de

conversão histérica com a finalidade de defesa. Um dos pontos especiais e importantes do tratamento, é localizado por Freud na lembrança de Elizabeth, quando esta relata que a dor era mais intensa na região da coxa, porque era ali que seu pai apoiava a perna todas as manhãs para trocar as ataduras da perna inchada.

Um episódio de dor que recebeu destaque especial, foi um passeio que Elizabeth fez em companhia de várias pessoas e teria sido longo demais. A mãe e a irmã mais nova ficaram em casa, e depois de relutar o cunhado resolveu acompanhar Elizabeth e juntar-se ao grupo. Na volta sentia fortes dores e relatou a Freud que percebeu o contraste entre sua solidão e a felicidade conjugal da irmã percebida através do comportamento do cunhado. Outra cena, próxima em tempo da primeira, foi outra caminhada que fez sozinha e refletiu sobre sua solidão e o desejo de ser tão feliz quanto a irmã. Neste momento, as dores passam a ser intensas e de caráter definitivo e permanente.

A interpretação final do caso de Elizabeth, acontece com a lembrança do velório da irmã: ela afirma sua tristeza ao lado da irmã morta e seu remorso por não ter cuidado dela e não ter se despedido. Mas outro pensamento surge *“como relâmpago nas trevas: “Agora ele está livre novamente e posso ser sua esposa.”* (Freud, 1895/1996 – p. 180). Para Freud *“essa moça sentia pelo cunhado uma ternura cuja aceitação na consciência depara com a resistência de todo o seu ser moral. Ela conseguiu poupar-se da dolorosa convicção de que amava o marido da irmã induzindo dores físicas em si mesma”*. (Freud, 1895/1996 – p. 180).

Freud, neste caso, descreveu o caráter de Elizabeth e apontou as características comuns encontradas com frequência nas pessoas histéricas: talentos variados, ambição, sensibilidade moral, excessiva exigência de amor, a princípio atendida pela família, e a independência de sua natureza, que ia além do ideal feminino da época e boa dose de obstinação, combatividade e reserva.

É pertinente salientar a importante contribuição dos estudos de Freud sobre a histeria, pois assim se inicia o desenvolvimento da psicanálise. Cabe frisar que, no contexto histórico e cultural dos primórdios da psicanálise, a época é bastante rígida, marcada pela repressão sexual feminina, em que as mulheres não tinham escolha quanto ao estudo e trabalho, instigadas ao ideal de mães e esposas perfeitas, mostrado em muitos dos comentários de Freud (1895/1996) nos *“Estudos sobre a histeria”*, especialmente observado no caso clínico em questão.

1.1.2 – O Caso Dora

No texto “*Fragmento da análise de um caso de histeria*” (Freud, 1905/1996) depois de alguns anos, já com a técnica psicanalítica mais desenvolvida, Freud procura a etiologia dos sintomas através dos relatos dos pacientes utilizando-se da associação livre. Ainda neste caso clínico, não é possível apreender uma análise sobre a feminilidade e a mulher na teoria freudiana. Mas é possível perceber algo que diz respeito ao feminino na forma como Dora se vê posicionada como objeto entre seu pai e o Sr. K.

Este trabalho freudiano narra o caso de Dora, paciente tratada durante três meses. Trata-se de uma jovem de 18 anos e seu círculo familiar inclui além dela própria, um irmão mais velho, mãe e pai. Muito apegada ao pai, embora fizesse críticas constantes a suas peculiaridades. Seu pai apresentava graves doenças desde que Dora tinha seis anos de idade e também foi paciente de Freud anteriormente a Dora. Freud, embora não conhecesse a mãe de Dora a descreve como uma mulher inculta, dedicada apenas aos afazeres domésticos, caracterizando-a com um termo que chama atenção, mas sobre o qual não dá maiores explicações: “psicose da dona-de-casa”. A relação mãe e filha era inamistosa há vários anos.

Dora apresentou os primeiros sintomas histéricos com oito anos de idade, a saber, dispnéia após um passeio na montanha, anos depois, enxaqueca e tosse nervosa. Aos dezesseis anos, movida pela autoridade do pai, Dora visitou Freud sofrendo de tosse e rouquidão. Freud (1905/1996) descreve Dora como uma moça com feições inteligentes e agradáveis, mas o desânimo e uma alteração de caráter não explicada eram os principais traços de sua doença. Não estava satisfeita consigo mesma e nem com a família; mantinha relação inamistosa com o pai e se dava muito mal com a mãe. Seus pais encontraram no quarto da moça uma carta se despedindo deles e mencionando suicídio e ficaram bastante abalados, apesar de seu pai ter discernimento de que as intenções da moça não eram sérias.

Os pais de Dora eram muito íntimos de um casal chamado Sr. K e Sra. K. A Sra. K. por muitas vezes cuidou do pai de Dora em sua enfermidade. Em certa ocasião, quando Dora e o pai viajaram com o casal, Dora declarou ao pai que havia recebido uma proposta amorosa do Sr. K. O Sr. K. foi chamado a prestar contas e negou a atitude fazendo insinuações de que a moça lia livros contendo assuntos sexuais. Com isso, o pai conta a Freud a insistência da filha para que ele rompa o relacionamento de forma definitiva com o casal. O pai não acha isso justo alegando o forte laço de amizade e cumplicidade com a Sra. K. e afirmando que não há nada de ilícito nessa relação.

Para Freud (1905/1996) a experiência de Dora com Sr. K., ou seja, sua proposta amorosa e a afronta à sua honra é considerada traumática, mas ao mesmo tempo prazerosa. Em seus atendimentos, Dora relata a Freud uma cena em que o Sr. K. marcou um encontro e criou uma situação para que eles ficassem sozinhos. O Sr. K. beija à força os lábios de Dora e a moça, sentindo repulsa, foge. Após o acontecimento, os dois guardam segredo e continuam se relacionando como se nada houvesse mudado.

Nessa cena – a segunda da sequência, mas a primeira na ordem temporal - o comportamento dessa menina de quatorze anos já era total e completamente histérico. Eu tomaria por histérica, sem hesitação, qualquer pessoa em quem uma oportunidade de excitação sexual despertasse sentimentos preponderante ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos. Esclarecer o mecanismo dessa inversão de afeto é uma das tarefas mais importantes e, ao mesmo tempo, uma das mais difíceis da psicologia da neurose. Em minha própria opinião, ainda estou bem longe de alcançar essa meta, e no contexto desta comunicação posso também acrescentar que até do que sei só me será possível apresentar uma parte. (FREUD, 1905/1996 , p. 37).

Para a jovem, a ligação amorosa entre a Sra.K. e seu pai era evidente. A Sra. K. assumiu a posição de enfermeira de seu pai enquanto a mãe de Dora se mantinha afastada. O pai de Dora defendia-se, dizendo que muito devia a Sra. K. por cuidar de sua enfermidade e te-lo livrado de um ato suicida. Por sua vez, o Sr. K. se via na liberdade de cortejar Dora enviando-lhe flores e presentes valiosos a moça. Com isso, Dora sentia que havia um acordo entre os homens e que era troca e ela valia como objeto.

Freud notou que a doença tinha significado psíquicos para Dora, ela ficava doente e se curava de acordo com a situação. A moça perdia a voz e tossia quando estava longe do Sr. K., mas quando ele chegava a voz voltava. No decorrer do caso encontramos uma passagem clara em que Freud generaliza que as mulheres tem tendência a adoecer de histeria.

Os motivos para adoecer muitas vezes começam a se fazer sentir já na infância. A menina sedenta de amor, que a contragosto partilha com seus irmãos a afeição dos pais, percebe que toda esta volta a afluir-lhe quando seu adoecimento desperta a preocupação deles. Agora ela conhece um meio de atrair o amor dos pais, e se valerá dele tão logo disponha do material psíquico para produzir uma doença. Quando essa menina se transforma em mulher e, em total contradição com as exigências de sua infância, casa-se com um homem pouco atencioso que sufoca sua vontade, e explora impiedosamente sua capacidade de trabalho e não lhe dá nem ternura nem dinheiro, a doença é a única arma que lhe resta para afirmar-se na vida. Ela lhe proporciona a ansiada consideração, força o marido a fazer sacrifícios pecuniários e a demonstrar-lhe um respeito que não teria se ela estivesse com saúde, e o obriga a tratá-la com prudência caso ela se recupere, pois do contrário poderá haver uma recaída. O caráter aparentemente objetivo e involuntário de

seu estado patológico, que o médico encarregado de tratá-la por certo defenderá, possibilita esse uso oportuno, sem autocensuras conscientes, de um meio que ela constatara ser eficaz na infância. (FREUD, 1905/1996, p. 51).

Na continuidade do caso clínico, Dora relata a Freud que não poderia perdoar o pai por sua relação com a Sra. K. Freud observa a paixão dela pelo pai e percebe como a Sra. K. se tornou sua rival alertando que essa questão aponta para a construção edípica. Freud conclui que o amor de Dora pelo pai estava em destaque para recalcar o amor pelo Sr.K., mas a moça não aceitou a interpretação:

Obviamente, como sintoma reativo para suprimir alguma outra coisa que, por conseguinte, ainda era poderosa no inconsciente. Considerando a situação, não pude deixar de supor, em primeiro lugar que o suprimido era seu amor pelo Sr. K. (...) Não trouxe nenhum desapontamento para minhas expectativas que essa exposição dos fatos provocasse em Dora a mais enfática negativa. (FREUD, 1905/1996, p. 62 - 63).

Com isso, Freud mais adiante considera outra complicação nos atendimentos de Dora. Talvez esse tenha sido o grande erro clínico de Freud, pois obstinadamente Dora negava sua interpretação. Como ele insistiu no ponto errôneo deixou passar despercebida uma tendência homossexual da moça que ele considerou posteriormente:

Por trás da sequência hipervalente de pensamentos que se ocupavam com as relações entre o pai de Dora e a Sra. K. ocultava-se, de fato, um impulso de ciúme cujo objeto era essa mulher – ou seja, um impulso que só se poderia fundamentar numa inclinação para o mesmo sexo. (FREUD, 1905/1996, p. 64).

Dora teve relação íntima com mulheres como a governanta de sua casa, sua prima, a Sra. K. Quando Dora se hospedava com os K. partilhava o quarto com Sra. K. que desalojava o marido. Além disso, Dora “costumava elogiar seu “adorável corpo alvo” num tom mais apropriado a um amante do que a uma rival derrotada. (Freud, 1905/1996 – p.65). Quando Sr. K. depreciou a jovem acusando-a de ler livros sobre temas proibidos, ela sentiu-se traída pela Sra. K. já que só ela sabia de seu segredo. Para Freud, o ciúme do pai ocultava o ciúme sentido pela Sra. K, sentimento homossexual comum em moças históricas.

No decorrer da exposição do caso, Freud analisa dois sonhos de Dora que traz algumas questões relacionadas à sexualidade feminina. O primeiro sonho de Dora:

Uma casa estava em chamas. Papai estava ao lado da minha cama e me acordou. Vesti-me rapidamente. Mamãe ainda queria salvar sua caixa de

jóias, mas papai disse: ‘Não quero que eu e meu filho nos queimemos por causa da sua caixa de jóias’. Descemos a escada às pressas e, logo que me vi do lado de fora, acordei.’ (Freud, 1905/1996, p. 67).

Na interpretação detalhada de Freud, através da exposição de Dora de lembranças de dias anteriores, ele relaciona o sonho ao medo de Dora ser abordada pelo Sr.K. durante à noite. Sobre a caixa de jóias, associa-a com os genitais femininos. Dá um sentido claro ao fato de que Dora estaria se sentindo em débito com Sr. K. depois de sucessivos presentes que ele lhe deu, e que isto significaria ter um relacionamento íntimo com ele entregando-lhe sua “caixa de jóias” (genital feminino).

Já no segundo sonho é possível compreender algumas interpretações de Freud (1905/1996) sobre a sexualidade feminina:

Narrou Dora: “Eu estava passeando por uma cidade que não conhecia, vendo ruas e praças que me eram estranhas. Cheguei então a uma casa onde eu morava, fui até meu quarto e ali encontrei uma carta da mamãe. Dizia que, como eu saíra de casa sem o conhecimento de meus pais, ela não quisera escrever-me que papai estava doente. ‘Agora ele morreu, e se quiser, você pode vir. ‘Fui então para a estação [Bahnhof] e perguntei umas cem vezes: ‘Onde fica a estação’ Recebia sempre a resposta: ‘Cinco minutos.’ Vi depois à minha frente um bosque espesso no qual penetrei, e ali fiz a pergunta a um homem que encontrei. Disse-me: ‘Mais duas horas e meia.’ Pedi-me que o deixasse acompanhar-me. Recusei e fui sozinha. Vi a estação à minha frente e não conseguia alcançá-la. Aí me veio o sentimento habitual de angústia de quando, nos sonhos, não se consegue ir adiante. Depois, eu estava em casa; nesse meio tempo, tinha de ter viajado, mas nada sei sobre isso. Dirigi-me à portaria e perguntei ao porteiro por nossa casa. A criada abriu para mim e respondeu: ‘A mamãe e os outros já estão no cemitério [Friedhof] (FREUD, 1905/1996, p. 93).

Freud, interpreta esse sonho também de forma bastante detalhada. Inicia pedindo Dora para associar idéias ao que havia sonhado. A paciente se lembra que no dia anterior, estava a procura de uma caixa de fotos, com figuras turísticas da Alemanha enviadas por um jovem que a admirava. Para Freud (1905/1996), a forma como ela se posiciona no sonho mostra uma identificação masculina com esse rapaz, que futuramente, como veremos no decorrer do caso, irá desposa-la, pois no sonho ela sai de casa e tenta retornar, tão independente quanto ele.

Cabe destacar que, além da procura da caixa de fotos, Dora também procurou por uma chave do bufe onde seus pais guardavam bebidas. Ela pergunta para mãe onde está a chave, e esta não responde. A jovem irritada, disse que havia perguntado cem vezes, exatamente como aparece no sonho. Segundo Freud, (1905/1996) a pergunta sobre a caixa e sobre a chave, leva a um mesmo questionamento: uma pergunta sobre os órgãos genitais femininos.

Na continuidade da análise do sonho, nas associações de Dora em relação a conteúdos vivenciados anteriormente com Sr. K., a pedido de Freud, a paciente narra novamente a cena do lago de forma minuciosa. Dessa vez, conta que o Sr.K. no momento da cena da sedução, menospreza seu amor pela esposa, que de acordo com Freud (1905/1996) é uma forma de desvalorização da Sra. K. Dando prosseguimento, Dora relata que evitou pegar o barco para não encontrar com Sr.K. e foi para o bosque. No entanto, como levaria duas horas para atravessá-lo desistiu, retornando. Encontrando o Sr. K., no barco, ele pediu desculpas e sigilo sobre o incidente. Assim, Freud conclui que essas associações sobre o bosque do sonho e a cena do lago é um momento em que Dora está investigando sobre a feminilidade.

Em certo momento, Freud faz sua análise através de uma associação de palavras para certificar-se de suas suspeitas sobre a investigação de sua paciente voltada a sexualidade feminina:

Nesse ponto, uma suspeita transformou-se em certeza para mim. Bahnhof [“estação, literalmente, “pátio de ferrovia”] e Friedhof [“cemitério”, literalmente, “pátio de paz”], em lugar da genitália feminina, já eram bastante inusitados, mas guiaram minha atenção para uma palavra similiar, “Vorhof” [“vestíbulo”; literalmente, “pátio anterior”], termo anatômico para designar uma região específica da genitália feminina. (FREUD, 1905/1996 , p. 37).

Com isso, Freud concluiu que o sonho estava perpassando pela própria feminilidade, e os termos eram retirados das leituras de livros proibidos que Dora lia, já mencionada anteriormente. Ainda observa um autentico sintoma histérico com sentido sexual quando, 09 meses depois da cena do lago, sua paciente teve uma crise de apendicite que se revela como uma parto de gravidez psicológica: *“A suposta apendicite, realizara, portanto, com os modestos recursos à disposição da paciente (as dores e o fluxo menstrual), a fantasia de um parto.* (Freud, 1905/1996 – p.100)

A jovem Dora abandonou o tratamento e anos depois, Freud tivera notícia que ela casara-se com o rapaz mencionado no segundo sonho. Freud admite que falhou em sua análise com essa paciente, não reconhecendo sua homossexualidade:

Quanto mais me vou afastando no tempo do término dessa análise, mais provável me parece que meu erro técnico tenha consistido na seguinte omissão: deixei de descobrir a tempo e de comunicar à doente que a moção amorosa homossexual (ginecofílica) pela Sra. K. era a mais forte das correntes de sua vida anímica. (FREUD, 1905/1996 , p.114).

Ressaltamos aqui, que para Freud as mulheres têm tendência ao adoecimento histórico e as crises de tosse de Dora são marcadas por conteúdos psíquicos, característica importante da histeria. É possível afirmar que o caso Dora é um importante exemplo da histeria de conversão, especialmente mostrado na gravidez psíquica. Além disso, os sonhos como mencionados por Freud, marcam de forma categórica a investigação da descoberta da feminilidade. Ainda sobre o fato de ser mulher, para Dora era um fardo a ser carregado que Freud desconsiderou, como nos confirma Patrick Mahony:

Se não se pode deixar de admitir as descobertas teóricas que ele desencadeou, o caso Dora deve, entretanto, ser razoavelmente questionado no plano clínico. Freud não levou praticamente em consideração o triplo fardo que Dora tinha de suportar: como mulher, judia e adolescente, ela era vítima de dois adultos. Na investigação que o leva a reconstruir o desenvolvimento genético da verdade psíquica de sua paciente, ele deixou de lado a preocupação manifestada por Dora a respeito da verdade histórica dos fatos e a necessidade que ela tinha de que se a reconhecesse. (MAHONY, 2005, p.172).

Notamos então, o desconforto de Dora quando relata que sente-se um objeto usado num acordo entre cavalheiros, no caso o pai e o Sr. K. , como mencionado anteriormente. E não teria Freud participado de alguma forma desse acordo ao não conceder a importância devida à indignação que sentia Dora por seu pai não ter dado crédito à sua versão da história com o Sr. K.?

1.1.3 – O Caso da Jovem Homossexual

Para contribuir com a reflexão sobre o papel da mulher e a feminilidade na perspectiva freudiana, abordaremos em seguida o trabalho intitulado “*A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*” (Freud, 1920/1996) no qual Freud analisa um caso de homossexualismo feminino.

Uma jovem de 18 anos, considerada por Freud “bela e inteligente”, após várias tentativas de proibição de uma certa conduta sua pelos pais, que lhe responsabilizavam por estar causando desprazer e preocupação, é levada por eles aos atendimentos psicanalíticos. A paciente de Freud perseguia certa ‘dama da sociedade’, uma mulher mais velha, promíscua, que mantinha relações íntimas com homens e mulheres, apesar do sobrenome de respeito. A moça não desmentia os relatos, mas não permitia interferência dos pais nessa relação. Aproveitava todas as oportunidades para se encontrar com a “cocote”, apesar da constante

vigilância. Obviamente havia apenas esse interesse em sua mente, deixou de preocupar-se com estudos, não mantinha relações sociais e preservava apenas algumas amigas que poderiam ajudá-la. Os pais afirmavam não saber até que ponto ia a admiração da jovem por essa senhora, e que jamais haviam notado interesse dela por moços e nem por seus galanteios.

Certa ocasião, o pai encontrou a filha em companhia da senhora e a encarou com olhar furioso. Ela disse à senhora que aquele era o seu pai, isto fez com que esta se aborrecesse com qualquer incômodo familiar e colocasse fim ao relacionamento. A jovem, numa tentativa de suicídio, correu em direção a um muro que dava a uma linha ferroviária e jogou-se de lá de cima. Em consequência a esse ato, passou um bom tempo deitada de costas na cama, embora não tenha tido prejuízos maiores. A senhora, comovida com a prova de uma paixão e que até aquele momento a tratava friamente, passou a ter uma relação mais amistosa com a jovem.

Freud (1920/1996) adverte que a jovem chegou à análise sem possuir sintoma histórico, de forma que isso dificultou a anamnese com relação a sua infância. A paciente contou a Freud que descobriu a diferença entre os sexos ao ver os órgãos genitais do irmão mais velho. É na puberdade que manifesta sua escolha homossexual. Nesse momento, Freud já estava estudando o complexo de Édipo e de castração e procurou investigar a influência das relações edípicas na escolha homossexual. Para ele, a jovem passou pelo complexo de Édipo normal em sua infância, pois uma forte ligação afetiva com uma criança de três anos que se encontravam em um *playground*, despertou o forte desejo da maternidade. Mas, na puberdade, uma decepção com o pai estaria na origem do acontecimento traumático, que fez com que o desenvolvimento normal do Complexo de Édipo se invertesse:

A explicação é a seguinte: no exato período em que a jovem experimentava a revivência de seu complexo de Édipo infantil, na puberdade, sofreu seu grande desapontamento. Tornou-se profundamente cônica do desejo de possuir um filho, um filho homem; seu desejo de ter o filho de seu pai e uma imagem dele, na consciência ela não podia conhecer. Que sucedeu depois? Não foi ela quem teve o filho, mas sua rival inconscientemente odiada, a mãe. Furiosamente ressentida e amargurada, afastou-se completamente do pai e dos homens. Passando esse grande revés, abjurou de sua feminilidade e procurou outro objetivo para sua libido. (FREUD, 1920/1996, p.169).

Assim, esta decepção fez com que ela retornasse a escolha do objeto, ou seja “*ela se transformou em homem e tomou a mãe, em lugar do pai, como objeto de seu amor*” (Freud, 1920/1996 – p. 170) Para Freud, isso fez com que ela fosse em busca de uma mãe substituta, o que explica o interesse por mulheres mais velhas. No tocante à frustração por seu pai ter engravidado sua mãe, manifestando o desejo incestuoso de ter um filho dele, abordaremos no

próximo capítulo o trabalho “*Sobre as teorias sexuais das crianças*” (Freud, 1908/1996) que trata do tema de forma pormenorizada. Como característica feminina, apenas a menina tem a fantasia de ter um filho do pai, isto marca a diferença entre os sexos.

A relação da jovem com sua mãe é marcada por uma série de conflitos. No capítulo seguinte trataremos também da ambivalência da relação entre mãe e filha: amor e rivalidade em relação ao pai. Mas neste caso clínico, quando a paciente de Freud anuncia sua homossexualidade, o convívio com sua mãe torna-se amigável. Para Freud, inconscientemente é um alívio para mãe, como se houvesse uma competição entre elas:

A própria mãe ainda ligava grande valor às atenções e à admiração dos homens. A jovem, tornando-se homossexual e deixando os homens para mãe, (noutras palavras, ‘se se retirasse em benefício’ dela), poderia afastar algo que até então fora parcialmente responsável pela antipatia da mãe.” (FREUD, 1920/1996 – p.170).

Para Freud, o pai da jovem falhou em seu papel na relação edípica, não tornou-se o modelo de objeto de desejo de sua filha. Além disso, ao contrário da mãe, seu olhar era de horror e reprovação aos seus relacionamentos com mulheres:

Essa posição libidinal da jovem, a que se chegou, foi grandemente reforçada tão logo percebeu o quanto ela desagradava a seu pai. Após ter sido punida por sua atitude tão afetuosa para com uma mulher, compreendeu como poderia ferir o pai e vingar-se dele. Desde então permaneceu homossexual em desafio ao pai, sequer também tinha escrúpulos em mentir-lhe e enganá-lo.” (FREUD, 1920/1996 – p.171).

A paciente de Freud (1920/1996) mantinha com a senhora um característico tipo masculino de se relacionar, embora sua escolha tenha sido pelo objeto sexual feminino. O comportamento masculino é definido por ele pela supervalorização da amada idealizada, apresentação de uma renúncia narcísica em prol dos desejos da amada. O autor também destaca o profundo desejo de salvar sua amada da vida promíscua e de má fama, tema que Freud (1910/1996) aborda em “*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*” em que aborda que para alguns homens há necessidade de menosprezar seu objeto sexual, mas neste texto considera masculino supervalorizar o ser amado:

Para ela, a má reputação de sua ‘dama’, contudo, era positivamente uma condição necessária para o amor. Tudo de enigmático nessa atitude se desvanece quando recordamos que também no caso do tipo masculino de escolha de objeto derivado da mãe é condição necessária que objeto amado

seja, de uma maneira ou outra, sexualmente ‘de má reputação’, alguém que realmente pode ser chamado de cocotte.” (FREUD, 1920/1996 – p.173).

A análise de Freud demonstrou que a jovem trouxera consigo um complexo de masculinidade desde a infância, e esclareceu que para ela a inveja do pênis não a levou a desejar o falo através do bebê, como numa saída heterossexual feminina. Mas negou a feminilidade desafiando a castração. Além das explicações do quadro edípiano para escolha homossexual, Freud investiga fatores sociais e biológicos e faz um alerta a distinção de: 1) caracteres sexuais físicas; (a constituição do próprio corpo) 2) caracteres mentais; (atitudes masculina e feminina) 3) tipo de escolha do objeto (interesse real da psicanálise que define a qual objeto haverá ligação libidinal).

Também neste trabalho, a questão da bissexualidade é retomada uma vez que apresentou o tema nos “*Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade*” (1905/1996). A bissexualidade faz com que a libido de todo ser humano se mova entre os objetos masculinos e femininos, até que se possa investir a libido em uma direção. Aborda um ponto de caracterização de feminilidade com passividade e masculinidade com atividade, mas nos textos - “*Sexualidade Feminina*” e “*Feminilidade*” (Freud, 1931 e 1932/1996) volta a referir-se de forma pormenorizada sobre o assunto.

Podemos perceber neste caso, a importância atribuída na análise freudiana ao desapontamento da jovem homossexual em relação à mãe pelo nascimento do irmão, pois como fantasia especificamente das meninas elas querem receber um filho de seu pai. Além da decepção faze-la afastar-se do pai e procurar outro objetivo para sua libido, isto a fez repudiar o desejo de um filho, o amor dos homens e a feminilidade em geral.

É importante ressaltar que outras temáticas ligadas ao Complexo de Édipo, à sexualidade infantil e à escolha do objeto – para além da histeria, também marcam a trajetória da psicanálise freudiana no que se refere à feminilidade e sexualidade feminina, como abordado no caso da Jovem Homossexual.

Freud, como já dito, não apresenta nesse caso nenhuma análise direta sobre a feminilidade, mas contribui para uma concepção sobre o tema, com os elementos conceituais que ressaltamos ao longo de nossa leitura do caso.

Capítulo 2 – As bases da feminilidade na sexualidade infantil

2.1 - A sexualidade feminina nos textos freudianos que tratam das teorias sexuais infantis e da diferenças dos sexos

A feminilidade e a sexualidade feminina foram especialmente tratadas por Freud a partir da década 1920 em textos publicados especificamente sobre o tema, como “*Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos*” (Freud, 1925/1996), “*Sexualidade Feminina*” (Freud, 1931/1996) e “*Feminilidade*” (Freud,1932/1996). No entanto, anterior a isto, em seu texto inicial que aborda o tema, mas sendo o trabalho mais específico sobre a sexualidade infantil, “*Três Ensaio sobre a Sexualidade*” (Freud,1905/1996) afirma que a sexualidade está presente na infância, contradizendo as noções populares da época. Embora a feminilidade seja pouco explorada nesse momento, há toda uma seção sobre as pesquisas sexuais da infância, acrescentada na edição de 1915, que trata da teoria sexual infantil com a hipótese de que meninos e meninas reconhecem apenas o órgão sexual masculino (pênis nos meninos e a substituição dele pelo clitóris na menina), emergindo assim a idéia do complexo de castração e da inveja do pênis pela menina:

A suposição de uma genitália (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. Tem pouca serventia para a criança que a ciência biológica de razão a seu preconceito e tenha de reconhecer o clitóris feminino como um autêntico substituto para o pênis. Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas conseqüências. (FREUD, 1905/1996, p.184)

Além disso, atribui de forma clara, a caracterização da atividade ao masculino e a passividade ao feminino. Mais tarde, em seus textos “*Sexualidade Feminina*” e “*Feminilidade*” (Freud, 1931/1932/1996) desconstrói essa conclusão afirmando que masculino e feminino não são sinônimos de atividade e passividade. Ainda neste texto, Freud fala da predisposição a bissexualidade em homens e mulheres com desenvolvimento normal, como mencionado posteriormente no trabalho “*A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920/1996)*”

Dando continuidade a este tema, seguiremos abordando “*Sobre as teorias sexuais das crianças*” (Freud, 1908/1996). Freud afirma que as conclusões tiradas desse trabalho são relacionadas aos meninos, mas observa que contribuem para possível compreensão de como as crianças constroem suas teorias sobre a sexualidade e, em particular, sobre a gestação de um bebê. Quando chega um bebê em casa, o irmão mais velho sente ciúme da mãe, se depara com um mistério e pergunta a si mesmo: de onde vêm os bebês? Nos questionamentos aos adultos, a criança recebe respostas fantasiosas e evasivas ou são repreendidas pela curiosidade, então passam a desconfiar dos adultos e suspeitam que eles escondam algo proibido.

Paralelamente a isso, as crianças mantêm em segredo suas investigações posteriores e concluem por si só que o bebê cresce na barriga da mãe. No entanto, ainda há o mistério de como ele chegou lá. Na dedução das crianças, elas criam algumas verdades, que são características infantis. No menino, por exemplo, “*consiste em atribuir a todos, inclusive a mulheres, a posse de um pênis*” (Freud, 1908/1996, p.196). Com comiseração é que vêm os genitais das meninas e de forma consoladora pensam que “*o dela ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer*”. (Freud, 1908/1996, p.196)

Tanto os meninos quanto as meninas procuram entender como o bebê vai parar dentro do corpo da mãe, então concluem que o pai tem algo a ver com isso, afinal ele afirma que o bebê também é seu. Podem ter visto ou ouvido um ato sexual, mas se angustiam ao pensar que algo violento pode levar o bebê para dentro da mãe. Quando estão próximas a solucionar o mistério, interrompem a investigação já que acreditam que a mãe também possui um pênis como um homem e não concebe a idéia de um orifício como a vagina. Como meninas e meninos ignoram a vagina, tiram uma conclusão mais adequada acreditando que “*isto só pode acontecer através de um único caminho: a passagem anal.*” (Freud, 1908/1996, p 198). O ânus é o único orifício que as crianças de ambos os sexos conhecem nesse momento e Freud chamou de teoria cloacal - a teoria das crianças segundo a qual os bebês nascem pelo orifício anal.

Muitas vezes, em circunstâncias domésticas, as crianças podem testemunhar a relação sexual dos pais. Essa experiência, em alguns momentos, faz a criança acreditar que se trata de um ato agressivo e suas impressões são comprovadas se encontram vestígios nos lençóis ou roupas da mãe. Com isso, desconfiam de que a relação sexual é um ato de subordinação do mais forte sobre o mais fraco.

Neste trabalho, Freud relata de que há uma fantasia específica das meninas. Para elas, o bebê é gerado pelo beijo, essa idéia faz a menina se ligar fortemente à fase oral. Para Freud,

é comum que aconteça com as meninas que foram fortemente reprimidas, e que não puderam concluir suas investigações sobre a sexualidade, típicas dos primeiros anos da infância.

Freud (1908/1996) afirma nesse texto e confirma nos posteriores em sua obra, que as meninas atribuem ao seu clítoris a mesma função que o pênis para os meninos. Sendo assim, sua sexualidade é masculinizada e afirma que as meninas deverão abandonar a masturbação nesse órgão para passar à posição feminina. Descreve novamente, a idéia sobre a inveja do pênis, pois as meninas compartilham a opinião que os meninos têm do pênis.

Seguindo o raciocínio sobre a sexualidade infantil, ele admite em seu texto “*A Organização genital infantil*” (Freud, 1923/1996) que não há muita contribuição a oferecer sobre o desenvolvimento feminino, pois ainda não aprofundou os estudos a esse respeito. Mesmo assim, neste trabalho, abordou o assunto quando, ao discorrer sobre a sexualidade, volta a afirmar que para ambos os sexos, existe apenas o órgão genital masculino. Descreve o horror do menino referente a castração, a decepção e depreciação da mulher quando percebem que as meninas não possuem pênis. Para eles, somente as mães, a quem respeitam é que possuem pênis.

Já as meninas, só assimilam a diferença fisiológica quando percebem o fato de que a mulher pode gerar filhos, mas não compreendem como isso acontece. Com isso, o autor ressalta primazia do falo nas fases infantis para ambos os sexos, pois a vagina fica desconhecida para meninos e meninas: (...) *para ambos os sexos, está em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo.* (Freud, 1923/1996 – p.158).

Freud afirma que é na puberdade que há evidências da diferenciação entre masculino e feminino. Ainda nesse trabalho, define masculino como sujeito da ação, que possui o pênis, enquanto o feminino é caracterizado pela passividade. A vagina agora é percebida como lugar de abrigo para o pênis:

No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe masculinidade, mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completo amento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero. (FREUD, 1923/1996, p.161).

No ano seguinte, em seu artigo “*A Dissolução do Complexo de Édipo*”, Freud (1924/1996) dá ênfase pela primeira vez ao curso diferente tomado pelo desenvolvimento da sexualidade em meninos e meninas. No entanto, é no trabalho “*Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica ente os sexos*” que suas opiniões se formulam de maneira mais concreta Freud (1925/1996). A partir dessas considerações, o complexo de Édipo, composto pela triangulação das relações da primeira infância, é o fenômeno central do período sexual infantil. Sua pesquisa, se desenvolve no sentido de averiguar o que causa a dissolução do complexo de Édipo em meninos e meninas e conclui que o complexo de Édipo se encaminha para destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna, sucumbe à regressão seguido pelo período de latência:

As análises parecem demonstrar que é a experiência de desapontamentos penosos. A menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega a ocasião em que tem de sofrer parte dele uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo. O menino encara a mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado. (FREUD, 1924, p.193).

Freud reafirma o que disse em seu trabalho anterior “*A organização Genital Infantil*” sobre o horror dos meninos à castração. Para ele, a criança do sexo masculino desperta seu interesse para os órgãos genitais e manipula-os com freqüência, mas os adultos não aprovam e a ameaçam, brutalmente, com a punição de tirar-lhe a parte que é tão valorizada. Não é de imediato que esta ameaça de castração ganha seu efeito. Ao lado desta, Freud descreve dois outros fatores que prepara a criança para perder partes tão altamente valorizadas: o desmame e o controle dos esfíncteres anais, podem ser considerados como formas de castração. Com a resolução do complexo de Édipo em que a lei do incesto é incorporada, o ego é instaurado com a função de afastar o processo edípico e se dá a formação do superego:

A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital, afastou o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o – removeu sua função. Esse processo introduz o período de

latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança.”.
(FREUD, 1924, p.196).

Nesse ponto, Freud (1924/1996) alerta que toda a teorização feita até aqui é relacionada apenas aos meninos, então seu trabalho passa a girar em torno de como as meninas respondem a ameaça a castração. Segundo Freud, “(...) *o complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai.*” (Freud, 1924/1996, p. 198). No entanto, para tentar suprir a falta do pênis adota uma forma de compensação, desejando ter um filho do pai culminando em sua entrada no complexo de Édipo. Os dois desejos inconscientes, de ter um pênis e um filho, ajudam a preparar o desenvolvimento da feminilidade. Com isso, a diferença essencial postulada neste trabalho, é que a menina aceita a castração como um fato consumado, e o menino tem a possibilidade de sua ocorrência.

Considerando a relevância de todo material desenvolvido até aqui, é em “*Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica ente os sexos*” Freud (1925/1996) que Freud faz uma completa reavaliação de suas opiniões sobre o desenvolvimento da feminilidade. Dá continuidade posteriormente ao tema em “*Sexualidade Feminina*” e “*Feminilidade*”. Mas, neste momento, Freud declara que encontrou dificuldade no que envolvia a vida sexual das mulheres. Queixava-se, desde muito cedo, da obscuridade e como resultado disso, era conduzido a tomar o feminismo como análogo ao masculino.

Retoma a idéia de que o complexo de Édipo masculino ocorre na fase fálica e tem como principais características o amor voltado à mãe e a rivalidade com o pai. Esses sentimentos são destruídos pelo temor da castração. Anteriormente a esta fase, o menino não rivaliza com o pai tendo uma ligação amorosa e positiva com este. Freud, como já havia descrito em anos anteriores em “*Três Ensaios sobre a sexualidade*” (1905/1996), considera novamente a questão da bissexualidade constitutiva do desenvolvimento. O fato dos meninos ficarem entre uma posição ativa e passiva em relação aos pais, é o que se mostra na bissexualidade.

Para Freud, o complexo de Édipo levanta uma questão a mais nas meninas que nos meninos. Para ambos, o primeiro objeto de amor é mãe. Os meninos retém esse objeto, mas as meninas o abandonam e tomam o pai como objeto. A mudança do objeto amoroso no complexo de Édipo, é um caminho decisivo. Com isso, na fantasia da menina, ela renuncia ao desejo de possuir o órgão masculino e passa a desejar ter um filho do pai, o que a afasta da mãe se tornando sua rival e a aproxima do pai.

Descreve algumas conseqüências da inveja do pênis que indiretamente pode gerar sentimento de inferioridade e desprezo. No trabalho de Freud (1920/1996) *“A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”*, também aborda o assunto explicando que algumas mulheres podem sentir uma recusa a castração, gerando um sentimento de inferioridade e desprezo por seu sexo, resultando num complexo de masculinidade. Como segunda conseqüência acrescenta que há um deslocamento da inveja do pênis ao traço de ciúme, tornando-se mais enfático na vida psíquica das mulheres que nos homens. Uma terceira conseqüência da inveja do pênis, *“parece ser um afrouxamento da relação afetiva da menina com seu objeto materno”* (Freud, 1925/1996 – p. 283). Ainda como efeito da inveja do pênis, a descoberta da inferioridade do clitóris e sua masturbação como algo masculino, o reconhecimento das diferenças sexuais pela menina, além do fato do sentimento feminino de humilhação, é a mais importante conseqüência. Como efeito, o abandono da masturbação clitoriana e aceitação da castração é condição para o desenvolvimento da feminilidade:

Não posso explicar a oposição que por esse modo é levantada pelas meninas à masturbação fálica, exceto supondo existir algum fator concorrente que faça a menina voltar-se violentamente contra essa atividade prazerosa. Esse fator está bem à mão. Não pode ser outra coisa senão seu sentimento narcísico de humilhação ligado a inveja do pênis, o lembre de que, afinal de contas, esse é um ponto no qual ela não pode competir com os meninos, e que assim seria melhor para ela abandonar a idéia de fazê-lo. Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade. (FREUD, 1925/1996, p.284).

Ainda neste texto, Freud (1925/1996), como visto anteriormente em seu trabalho *“A Dissolução do Complexo de Édipo”*, que com a chegada ao complexo de Édipo, a menina faz um deslizamento do interesse de um pênis ao de ter um filho. Com esse objetivo, o pai passa a ser seu objeto de amor, e a mãe o objeto de ciúme. Esta é uma posição tipicamente feminina, mas algum fator traumático pode fazer com que a menina se identifique com o pai, retomando o complexo de masculinidade e se fixando nele.

Para Freud, o complexo de castração nas meninas precede e prepara para o complexo de Édipo, ou seja, há um contraste fundamental entre meninas e meninos em relação aos complexos de Édipo e castração:

Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. Essa contradição se esclarece se refletirmos que o

complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada. (FREUD, 1925/1996, p.285).

A forma pela qual o sujeito se introduz e abandona o complexo de Édipo será decisiva para formação do superego. O superego passa a ser o herdeiro do complexo de Édipo, através da incorporação “*do abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade*” (Freud, 1925/1996 – p. 285). Segundo Freud, isso acontece de forma diferente nas meninas, pois não há o temor à castração o que faz com que o complexo de Édipo seja abandonado de forma lenta e permanece com grande influência na vida das mulheres:

Nas meninas está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim, esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres. (FREUD, 1925/1996, p.286).

Na continuidade do tema, Freud (1925/1996) acredita que como consequência do lento abandono do complexo de Édipo a postura ética é diferente nas mulheres. Acredita que o superego das mulheres não é tão inexorável, impessoal e independente de suas origens emocionais como seria nos homens. Com isso, o senso de caráter e justiça será prejudicado, fato que influencia os julgamentos das mulheres por sentimentos de afeição e hostilidade. Apesar de admitir que também os homens ficam aquém dos ideais éticos, ele acredita que isto deve-se à disposição da bissexualidade nos seres humanos, ou seja, a parte feminina no homem é responsável pelo desvio ético e moral.

Neste ponto do trabalho, ressaltaremos as principais conclusões de Freud sobre a sexualidade infantil e que repercutem na concepção da feminilidade: Na fase fálica, quando as crianças realizam a investigação e comparação entre os sexos, as diferenças anatômicas têm grande importância na constituição da feminilidade, pois as meninas percebem a castração corporal e desenvolvem o que ficou conhecido como *inveja do pênis*. Com isso, o desenvolvimento edípiano da menina passa por uma decepção com a mãe, seu primeiro objeto amoroso, pois frustra-se com o próprio sexo e culpa a mãe pela falta do pênis. A menina passa a rivalizar-se com a mãe e toma o pai como objeto de desejo. Quando percebe que não

tem pênis e muda de objeto, da mãe para o pai, aparece o desejo exclusivamente feminino de ter um bebê do pai. A mudança de objeto no complexo de Édipo, marcam o processo da menina em direção à feminilidade.

Um outro ponto que marca o percurso da menina em direção à feminilidade é a atribuição de um valor ao seu clitóris supondo que ele tem a mesma função do pênis. Freud nos diz, que a menina tem que abandonar a satisfação da zona erógena representada pelo clitóris e descobrir a vagina como zona erógena para chegar à feminilidade. Esses são, portanto, os pontos que marcam o desenvolvimento da feminilidade na infância, segundo os textos freudianos que analisamos até o momento. Passaremos agora para os trabalhos mais tardios e específicos de Freud sobre o tema da feminilidade.

2.2 – Os trabalhos tardios de Freud sobre a feminilidade

Após seis anos da publicação do texto *“Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica ente os sexos”* (Freud, 1925/1996), que como vimos trouxe contribuições expressivas sobre a concepção do autor em relação à sexualidade infantil e o desenvolvimento da feminilidade, o texto *“Sexualidade Feminina”* (Freud, 1996/1931) traz novas formulações relativamente ao que havia sido renunciado anteriormente sobre o assunto. Posteriormente, na *“CONFERÊNCIA XXXIII – Feminilidade”* (Freud, 1996/1932), Freud trabalha de forma mais detalhada sobre a feminilidade.

Ele sustenta que as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, não são elementos suficientes para constituir masculinidade e feminilidade, mas sim as diferenças psíquicas, que são resultado do ambiente cultural. Discorre ainda que a mulher tem mais claramente que o homem a disposição bissexual, já que *“um homem possui apenas uma zona sexual principal, um só órgão sexual, ao passo que a mulher tem duas: a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino”* (FREUD, 1931/1996, p.236).

Nota-se que este assunto foi tratado também em outros textos de sua obra, mas neste texto o autor fala de características específicas da menina, citando o fato de esta ser menos agressiva, desafiadora e autosuficiente, apresentando mais necessidade de carinho, atitude dependente e dócil. Freud ressalta duas grandes tarefas importantes para que se estabeleça o desenvolvimento da mulher: o abandono da zona genital do clitóris para a vagina e a troca de seu objeto original da mãe para o pai, ao passo que o menino só precisaria continuar a atividade anterior, sem alteração no Complexo de Édipo:

Com a mudança para feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir sua sensibilidade, e ao mesmo tempo, sua importância para a vagina. (...) Para um menino, sua mãe é o primeiro objeto de seu amor, e ela assim permanece também durante a formação do Complexo de Édipo. Para a menina, também, o seu primeiro objeto deve ser sua mãe (...). Na situação edípica, porém, a menina tem seu pai como objeto amoroso, e espera-se que no curso normal do desenvolvimento ela haverá de passar desse objeto paterno para sua escolha objetual definitiva. (FREUD, 1932/1996, p.119).

No entanto, para que a menina passe da vinculação com a mãe para a vinculação com o pai, o processo é marcado por hostilidade, apresentando acusações e queixas: a menina queixa-se de não ter sido amamentada suficientemente, queixa-se da falta de amor; além de se sentir insatisfeita frente à repreensão e proibição da masturbação e acusar a mãe de ter outro filho. Além disso, a menina acredita que não tem pênis porque a mãe não lhe deu e a responsabiliza por isso. São reclamações que indicam uma exigência de ser amada.

Com isso, a menina tem que lidar com a descoberta de que é castrada, observando seu próprio corpo, o que leva Freud a conclusões sobre as diferentes possibilidades no processo rumo à feminilidade: 1) inibição da sexualidade ou neurose; 2) modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade; 3) feminilidade normal (FREUD, 1932/1996).

Na primeira forma pela inibição ou neurose, a menina sente-se frustrada e humilhada marcada pela inveja do pênis, que a faz perder o prazer clitoridiano ou fálico. Com isso, ela repudia o amor da mãe e passa a reprimir sua sexualidade. O repúdio à mãe acontece lentamente, ela acha que a falta do pênis é um infortúnio pessoal, que depois se estende a outras mulheres e à mãe. Com o resultado da descoberta da falta de pênis nas mulheres, elas serão rebaixadas pelas meninas e posteriormente pelos meninos. A menina abandona a masturbação clitoridiana e nesse movimento, renuncia à posição de atividade fálica, passa à posição de passividade e forma o quadro de inibição da sexualidade. Para Freud, se ela não perder muitos elementos por meio da repressão, a feminilidade será normal:

Os senhores podem verificar que semelhantes sinuosidade no desenvolvimento, o qual remove a atividade a fálica, prepara o caminho para a feminilidade. Se, no decurso desse desenvolvimento, não se perdem demasiados elementos através da repressão, essa feminilidade pode vir a ser normal. (FREUD, 1932/1996, p.127).

Com o abandono da atividade, a menina volta-se para seu pai para receber o pênis que a mãe lhe recusou. Para Freud, *“a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica.”* (Freud, 1932/1996 – p.128). Com o deslizamento do

pênis para o bebê, a menina inicia o Complexo de Édipo. Freud mantém aqui mesma construção teórica do texto *“Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica ente os sexos”*.

Na segunda forma possível, pelo complexo de masculinidade, há a negação da castração. Assim, a menina fica desafiadora e rebelde, exagerando sua masculinidade, inclusive no apego à masturbação clitoridiana. Isto determina um fator constitucional em maior quantidade de atividade, mais característico ao homem. Com esta escolha, a passividade que abre caminho à feminilidade é recusada e isso tem influência na escolha do objeto homossexual. Assim como tratado no trabalho sobre a jovem homossexual, Freud confirma *“o homossexualismo feminino raramente, ou nunca, é continuação direta da masculinidade infantil.”* (Freud, 1932/1996 – p. 129), ou seja, o complexo infantil feminino não é determinante de escolha de objeto.

A feminilidade normal é caracterizada por maior quantidade de narcisismo que também afeta a escolha do objeto e de modo que para a mulher ser amada é mais forte que amar. Então ela retorna a uma posição passiva novamente pela necessidade de amor e cuidados. Para ele, a inveja do pênis tem efeito na vaidade física das mulheres, para valorizar seus encantos como forma de compensação por sua inferioridade sexual original. O sentimento de vergonha é uma característica feminina, que supõe-se ter a finalidade de ocultação da deficiência genital. Freud não estende suas elaborações teóricas sobre a feminilidade normal, talvez, como ele advertiu em seus trabalhos, por ser difícil tratar da normalidade no feminino...

Afirma que o desejo de um pênis se mantém na mulher na fase adulta e a satisfação de ter um filho homem como forma de possuir o filho e o pênis: *“A mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino; este é sem exceção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos.* (Freud, 1932/1996 – p. 132).

A relação da menina com sua mãe, é marcada por sentimentos ambivalentes: amor na fase pré edípica e rivalidade no complexo de Édipo. Esta ambivalência pode permanecer na vida adulta, influenciar suas relações e determinar seu posicionamento social:

A identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-edípica, sobre a qual se apóia a vinculação afetiva com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai. (...) A fase da ligação afetiva pré-edípica, contudo, é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essas fases são feitos os preparativos para a

aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. (FREUD, 1932/1996, p.133).

Enfim, embora o percurso teórico de Freud sobre a feminilidade tenha sua relevância, ainda assim, ele considerou-a como algo enigmático, um “continente obscuro”. Ele declarou não ser capaz de responder, - apesar dos trinta anos de pesquisa sobre a alma feminina –, a uma questão: “O que quer uma mulher?”². Considerou as mulheres débeis em relação aos interesses sociais, aconselhou aos insatisfeitos que recorrem às suas experiências pessoais e aos poetas para saber sobre os profundos mistérios da alma feminina.

² Ernest Jones faz essa observação remetendo a Freud. Essa passagem encontra-se na nota de rodapé do texto *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, e foi mencionada por Ernest Jones (1955), mas infelizmente não fornece data dessa referência de Freud sobre as mulheres.

Capítulo 3 - A feminilidade na perspectiva de textos freudianos que versam sobre o social ou o cultural

Trataremos aqui de alguns dos textos freudianos que abordam temas sociais e culturais, buscando acompanhar nesses textos as referências à mulher. É um momento distanciado da clínica, mas que percorre um caminho interessante que contribui para a constituição da concepção sobre a feminilidade em sua obra.

3.1 - Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna

No texto “*Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*” Freud (1908/1996) faz uma análise de como a civilização da época e suas regras morais influenciavam na constituição de doenças nervosas. Ele inicia seu texto comentando o livro *Ética Sexual* de Von Ehrenfels³ em que o autor discorre sobre a diferença entre moral sexual ‘natural’ e ‘civilizada’. A partir desse autor, Freud entende que:

Devemos entender por moral sexual natural uma moral sexual sob cujo regime um grupo humano é capaz de conservar sua saúde e eficiência, e moral sexual civilizada, uma obediência moral sexual àquilo que, por outro lado, estimula os homens a uma intensa e produtiva atividade cultural. (FREUD, 1908/1996, p.169).

Segue esclarecendo que a moral dessa época limitava a sexualidade ao casamento monogâmico e isto levava ao aparecimento das doenças nervosas. Ressalta o rigor da moral em relação às mulheres no que diz respeito à monogamia. Adverte que os homens têm mais liberdade em burlar as normas sem repreensões e, com isso, admitem uma moral dupla. Conclui afirmando que essa dupla atuação masculina contribui para um comportamento de uma sociedade que não estimula a honestidade e nem um bom convívio.

Freud indica a preocupação dos médicos em relação ao aparecimento de doenças nervosas nas pessoas que demonstram o antagonismo entre os instintos e as exigências da civilização. Segundo Freud, para eles “*existe uma relação entre a ‘alta incidência da doença nervosa’ e a moderna vida civilizada.*” (FREUD, 1908/1996, p. 170). É possível enfatizar um comentário interessante em que Freud destaca a rapidez da comunicação na época, a rede telegráfica e telefônica, e sua influência no comércio e na vida social. “Tudo é pressa e agitação. A noite é aproveitada para viajar, o dia para os negócios, e até mesmo as ‘viagens de

³ Christian von Ehrenfels, foi professor de filosofia em Praga e elogiado por Freud por suas críticas à instituição do casamento.

recreio' colocam em tensão o sistema nervoso" (FREUD, 1908/1996, p.171). Se essa era uma preocupação para Freud em 1908, imaginemos nos dias de hoje...

Não é possível deixar de observar que naquela época a pressão na vida social, em consequência do amplo desenvolvimento do comércio e as mudanças no consumo, têm influência sobre a satisfação pulsional:

Os nervos exaustos buscam refúgio em maiores estímulos e em prazeres intensos, caindo em ainda maior exaustão. A literatura moderna ocupa-se de questões controvertidas, que despertam paixões e encorajam a sensualidade, a fome de prazeres, o desprezo por todos princípios éticos e por todos os ideais, apresentando à mente do leitor personagens patológicas, propondo-lhe problemas de sexualidade psicopática, temas revolucionários e outros. (FREUD, 1908/1996, p.171).

Este é um tema que será abordado no texto de Freud "*O mal-estar na civilização*". No entanto, nesse texto que estamos analisando a idéia da supressão das pulsões para manter uma sociedade civilizada e o conceito de sublimação que transforma o desejo por um objeto sexual em desejo por outro objeto aceito socialmente, já vem sendo desenvolvidos por ele:

Esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação. (FREUD, 1908/1996, p.174).

Freud afirma que, relativamente às mulheres a capacidade de sublimação das pulsões sexuais são diminuídas e só são possíveis quando encontram um substituto adequado aos seus instintos, como quando estão amamentando um filho. Dessa forma, o matrimônio gera doenças neuróticas graves, já que não satisfaz o desejo masculino que vai buscar na infidelidade sua satisfação, o que gera uma moral dupla. Com isso, é possível dizer que o casamento monogâmico desenvolve o caráter duplo nos homens e graves neuroses nas mulheres:

(...) Essa moral sexual 'dupla' que é válida em nossa sociedade para os homens é a melhor confissão de que a própria sociedade não acredita que seus preceitos possam ser obedecidos. (...) as mulheres, em sua qualidade de verdadeiro instrumento dos interesses sexuais da humanidade, só possuem em pequeno grau o dom de sublimar seus instintos, e que, embora possam encontrar um substituto adequado do objeto sexual no filho que amamentam, a experiência mostra, insisto, que as mulheres ao sofrerem as desilusões do casamento contraem graves neuroses que lançam sombras duradouras sobre suas vidas. (FREUD, 1908/1996, p.180).

Ainda, correlacionado à mulher, para Freud (1908/1996) as jovens na puberdade são proibidas de qualquer manifestação da sexualidade, sendo obrigadas a dedicá-la somente ao homem que os genitores escolhessem como marido. Como era uma relação matrimonial estabelecida previamente pela família, a mulher não conseguia direcionar seu afeto e seus desejos sexuais a este homem. Com isso, era natural que essas mulheres revelavam-se frígidas, e não estavam dispostas a enfrentar a gravidez e o parto advindos dessa união.

Na continuidade, Freud admite preocupação com a saúde masculina: “em conseqüência dessa retardação artificial de suas funções eróticas, ela nada tem a oferecer além de desapontamentos ao homem que poupou todos os seus desejos para ela.” (FREUD, 1908/1996, p.182). Quanto à mulher, alerta que mais tarde quando sua capacidade de amar é despertada a relação conjugal já se deteriorou e restaria apenas buscar relacionamentos extraconjugais, a neurose ou o desejo irrealizado.

Além da inibição sexual feminina percebida até aqui, para Freud a educação feminina relacionada à inibição sexual diminuía a capacidade criativa, de reflexão e intelectual, como mencionado no capítulo anterior, quando abordamos o texto “Feminilidade”. A esse respeito, Freud afirma:

A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. Assim a educação as afasta de qualquer forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor. Essa interdição do pensamento estende-se além do setor sexual, em parte através de associações inevitáveis, em parte automaticamente, como a interdição do pensamento religioso ou a proibição de idéias sobre a lealdade entre cidadãos fieis. Não acredito que a ‘debilidade mental fisiológica’ feminina seja conseqüência de um antagonismo biológico entre o trabalho intelectual e atividade sexual, como afirmou Moebius em sua discutida obra. Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual. (FREUD, 1908/1996, p.182).

Até aqui, notamos que para Freud os ideais do casamento monogâmico defendidos pela moral civilizada se opunham à saúde mental masculina e feminina. No entanto, ele deixa claro que como especificidade da mulher, sua inferioridade intelectual advém da inibição e da rígida repressão sexual. Confirmando nossas impressões, Freud ainda esclarece que a moral sexual rígida e repressora desde a infância, leva a menina a suprimir sua curiosidade típica da idade, o que prejudica o desenvolvimento cognitivo da mulher.

3.2 O mal-estar na civilização

Dando continuidade a esse assunto, em seu texto “*O mal-estar na civilização*”, Freud (1930/1996) afirma que a civilização adquiriu o hábito de formar famílias, e supõe que esta formação deve-se à necessidade de satisfação sexual e amorosa. Portanto, a adaptação pulsional à vida em grupo está fadada ao mal-estar do convívio social. Isto confirma o que desenvolveu em seu trabalho anterior sobre a moral sexual e o desenvolvimento das neuroses.

No entanto, comenta que a família, de certa forma, exerce um papel de incompatibilidade social. Para ele, um dos principais esforços da civilização é reunir pessoas em grandes unidades, mas quanto mais unida é uma família, menos há integração em círculos amplos da comunidade. Com isso, tece comentários da especificidade da mulher no contexto da civilização e afirma sua postura anticivilizatória:

(...) as mulheres logo se opõem à civilização e demonstram sua influência retardante coibidora – as mesmas mulheres que, de início, estabeleceram os fundamentos da civilização pelas reivindicações de seu amor. As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual. O trabalho de civilização tornou-se cada vez mais um assunto masculino, confrontando os homens com tarefas cada vez mais difíceis e compelindo-os a executarem sublimações instintivas de que as mulheres são poucos capazes. Já que o homem não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, tem de realizar suas tarefas efetuando uma distribuição conveniente de sua libido. Aquilo que emprega para finalidades culturais, em grande parte o extrai das mulheres e da vida sexual. Sua constante associação com outros homens e a dependência de seus relacionamentos com eles o alienam inclusive de seus deveres de marido e de pai. Dessa maneira, a mulher se descobre relegada a segundo plano pelas exigências da civilização e adota uma atitude hostil para com ela. (FREUD, 1930/1996, p.109).

É possível perceber aspectos interessantes da concepção freudiana sobre a mulher nesta obra. Notamos que para ele a mulher tem papel importante na fundação familiar e em nome do amor, porém como estão excluídas de outros papéis desempenhados na civilização adotam uma posição social hostil. Como vimos em “*Estudos sobre a histeria*” (FREUD, 1893/1996), especificamente - no caso de Elizabeth Von R., na época de Freud as mulheres não tinham escolhas em relação a trabalho e realização de sonhos pessoais, isto é confirmado com este texto de Freud. Além disso, reafirma aqui a pouca capacidade de sublimação dos instintos femininos o que dificultaria um desenvolvimento satisfatório no trabalho fora de casa, tal como foi tratado em seu trabalho de 1908. As mulheres se sentem relegadas a segundo plano pelos homens, o que não parece uma crítica social em relação à exclusão feminina do mundo do trabalho. Antes pelo contrário, Freud parece concordar que as

mulheres têm poucas habilidades para o trabalho como consequência da sua incapacidade de sublimação.

Ainda neste trabalho, em uma extensa nota de rodapé, Freud acrescenta o que já havia tratado em trabalhos anteriores - sobre a disposição bissexual dos homens em que características anatômicas são determinantes, porém os determinantes psíquicos são de difícil apreensão.

3.3 O tabu da virgindade

Dando continuidade ao assunto, em seu trabalho *“Tabu da Virgindade”*, Freud (1918/1996) trata das influências culturais que determinam características da feminilidade. Com este objetivo, analisa costumes primitivos sobre a sexualidade da mulher e os tabus do ato sexual, especialmente o primeiro na vida da mulher. Inicia alertando que a submissão da mulher, no que diz respeito ao ato sexual, torna-se um elemento *“indispensável para manutenção de um casamento civilizado e para afastar a tendência a poligamia que o ameaçam e, em nossas comunidades sociais, este fator é comumente levado em consideração”* (FREUD, 1918/1996, p. 201). Sendo assim, culturalmente, a mulher é retratada como monopólio masculino e em estado de sujeição e Freud esclarece que a experiência de submissão não é vivenciada sem revolta.

Retornando aos costumes primitivos, Freud afirma que o valor atribuído à virgindade tornou-se um tabu, um ato tão significativo que se pode descrever como religioso. Em algumas civilizações primitivas não é o noivo que rompe a virgindade, mas sim um ritual que protegia o futuro marido da hostilidade feminina. Freud faz referência à mulher dessa cultura como sendo misteriosa e perigosa, temida pelos homens, como se a feminilidade fosse uma doença contagiosa:

Toda vez que o homem primitivo tem de estabelecer um tabu, ele teme algum perigo e não se pode contestar que um receio generalizado das mulheres se expressa em todas essas regras de evitação. Talvez este receio se baseie no fato de que a mulher é diferente do homem, eternamente um incompreensível e misteriosa, estranha, e, portanto, aparentemente hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade e, então, mostra-se ele próprio incapaz. (FREUD, 1918/1996, p.206).

Para Freud, o homem primitivo institui um tabu quando teme algum perigo, que de maneira geral é de natureza física. Para ele, o homem primitivo não faz distinção entre o perigo material e o psíquico. Na concepção primitiva, todo perigo decorre de outro ser

humano ou animal, procedentes de forças naturais. Mas de qualquer forma, ele também pode projetar seus impulsos internos ao mundo exterior, atribuindo-os a objetos que são desagradáveis ou hostis. Isto explicaria o temor dos homens em relação às mulheres e a hostilidade dessas: “Desta maneira, as mulheres também são consideradas como sendo desses perigos, e o primeiro ato sexual com a mulher destaca-se como um perigo de especial intensidade.” (FREUD, 1918/1996, p. 208).

Freud volta sua atenção para a civilização de sua época e ressalta que a primeira relação sexual de um casal, pode realmente não corresponder às expectativas da mulher. A mulher pode permanecer fria e desapontada e com isso Freud justifica a reação de medo dos homens primitivos. A frigidez pode permanecer por toda vida sexual da mulher e mesmo todo empenho carinhoso do marido não é capaz de vencê-la.

Ainda com esse raciocínio, o homem que tem a primeira relação sexual com a mulher corre o risco de ser hostilizado permanentemente. De acordo com Freud, o primeiro ato sexual provoca dor e frustração com relação às expectativas femininas. O homem a quem é dirigida a libido feminina é primeiramente aquele da relação edípica. Desta forma, o marido é apenas um substituto do pai, irmão ou parente desta relação e pode ser rejeitado.

Entra em cena aqui também na primeira relação sexual a inveja do pênis sentida na infância, a castração e as teorias sexuais femininas são revividas pela mulher. Podemos perceber que o pensamento freudiano ressalta um ódio invejoso e a rivalidade feminina em relação aos homens. Isso explicaria a manifestação de tanta hostilidade e a idéia de que a revolta feminina teria sido marcada por um ódio ao masculino:

Por trás dessa inveja do pênis, manifesta-se a amarga hostilidade da mulher contra o homem, que nunca desaparece completamente nas relações entre os sexos e que está claramente indicada nas lutas e na produção literária das mulheres ‘emancipadas’. (FREUD, 1918/1996, p.212).

Ainda neste texto, Freud destaca a tragédia de Hebbel em que Judite é uma mulher cuja virgindade é protegida por um tabu. Seu primeiro marido ficou paralisado de angústia na noite de núpcias e nunca mais a tocou. Em certa ocasião, quando um general assírio visitou sua cidade, ela o seduziu e, após ser deflorada, corta a cabeça dele. Para Freud, a hostilidade representa uma reação da submissão da mulher em relação ao homem por meio da atividade sexual. Geralmente essas mulheres são mais felizes em seu segundo casamento, no entanto assim como Judite querem se vingar do homem que a deflorou:

A análise, portanto, nos ensina que essas mulheres, de fato, ainda se sentem ligadas a seus primeiros maridos em estado de sujeição, mas não mais por afeição. Não se podem afastar deles, porque ainda não completaram sua vingança contra eles e, em casos mais acentuados, nem mesmo trouxeram os impulsos de vingança para consciência. (FREUD, 1918/1996, p.215).

Notamos com isso, a descrição da revolta feminina vividas na primeira relação sexual através da experiência de submissão, capaz de gerar o ódio ao homem. Freud deixa claro que demora algum tempo para que a mulher encontre satisfação sexual. De qualquer forma, é importante ressaltar que, nas formulações desse texto, o que marca a sexualidade da mulher é a submissão.

3.4 A cabeça de medusa

Seguindo a análise da concepção da mulher que irá auxiliar na descrição do feminino na obra freudiana, observemos o caso de Medusa, uma figura mitológica que tem a cabeça decapitada analisada no trabalho “*A Cabeça de Medusa*” (Freud, 1922 [1940]/1996). Freud inicia a análise com a associação entre cortar e castrar. O terror de Medusa é relacionado ao terror da castração. Freud lembra que o menino sente-se ameaçado pela castração após visualizar os órgãos genitais femininos.

Nas obras de arte, Medusa é representada com inúmeras serpentes no lugar do cabelo, que derivam do complexo de castração. Sendo assim, a castração é representada por inúmeros símbolos fálicos cuja ausência do pênis é causa de horror. Freud interpreta o mito dizendo que o sujeito ao ver a Cabeça de Medusa, é tomado de tanto terror que se transforma em pedra. Dessa forma, o espectador sente-se consolado, pois essa petrificação significa a posse de um pênis e seu enrijecimento tranquiliza-o. A Medusa, portanto, representa o horror que os genitais femininos geram e a mulher como um ser que assusta e repele por ser castrada.

Com isso, há a representação do feminino que assusta e repele até o Diabo: “*o que desperta horror em nós próprios produzirá o mesmo efeito sobre o inimigo de quem estamos procurando nos defender. Lemos em Rabelais como o Diabo se pôs em fuga quando a mulher lhe mostrou sua vulva*” (Freud, 1922 [1940]/1996, p. 290). Já os órgãos masculinos têm o poder de intimidar o espírito mau por outro viés, mostrar o pênis é dizer “Não tenho medo de você. Desafio-o. Tenho um pênis” (FREUD, 1922 [1940]/1996 – p. 290).

3.5 Uma neurose demoníaca do século XVII

O Diabo aparece como representação do feminino no texto de Freud (1922 [1923]/1996) “*Uma neurose demoníaca do século XVII*”. Desde a época dos estudos com Charcot na Salpêtrière, Freud sentia-se interessado pela feitiçaria, possessões e fenômenos afins que poderiam conter aspectos históricos da neurose. O artigo retrata os acordos e a história de um pintor atormentado pelo Diabo. As relações do pintor com o Diabo possuem em alguns momentos referência sexual. A figura demoníaca aparece a primeira vez como um homem comum, depois surgia com seios fartos, mas não tinha referência aos genitais femininos. A temática da feminilidade tem uma constância, embora o Diabo também apareça com pênis grande terminando em serpente:

Outro pormenor nas relações do pintor com o Demônio possui, mais uma vez, uma referência sexual. Na primeira ocasião, como mencionei, ele viu o Maligno sob a forma de um honesto cidadão. Já na segunda ocasião o Diabo estava nu e disforme, e tinha dois pares de seios femininos. Em nenhuma de suas aparições subseqüentes os seios estão ausentes, quer como para único ou duplo. Somente em um deles o Demônio exhibe, além dos seios, um grande pênis terminando por uma serpente. Essa ênfase do caráter sexual feminino, pela introdução de grandes e pendentes seios (nunca há qualquer indicação dos órgãos genitais femininos). (FREUD, 1922[1923] /1996 – p. 105).

No texto “*Cabeça de Medusa*”, a feminilidade foi caracterizada como assustadora, contudo no texto que ora analisamos é possível notar o espanto de Freud em relação às características femininas do Diabo, como se essas características o deixassem enfraquecido:

(...) nada há de estranho em representar demônios femininos; mas que o Demônio, que constitui uma grande individualidade, o Senhor do Inferno e o Adversário de Deus, seja representado diferentemente de um macho, e na verdade, como um supermacho, com chifres, cauda e uma grande serpente-pênis – isso creio, jamais é encontrado. (FREUD, 1922[1923]/1996, p. 105).

Freud explica que as características femininas do Diabo significam o repúdio do pintor ao feminino e sua revolta contra a castração. Isto fez com que ele projetasse as características odiadas no Demônio. A segunda explicação é mais favorável ao feminino, pois reflete o amor da criança por sua mãe, representado por seios fartos em busca de auxílio e salvação.

3.6 Grande é Diana de Éfesos

Em seu artigo “*Grande é Diana de Éfesos*” Freud (1911/1996) relata a posição da mulher em uma sociedade antiga, cuja adoração de uma figura feminina forte e poderosa

permaneceu pelos povos que lá habitavam. Seu nome foi alterado, mas a presença de uma deusa mostra que nem sempre as mulheres são representadas de forma depreciativa. A cidade grega de Éfeso teve grande importância na antiguidade e possuía um templo dedicado a Artêmis (Diana). No entanto, quando os jônios invadiram a Ásia encontraram lá uma deusa chamada Oupis que fora cultuada pelos asiáticos. Quando estabeleceram contato com a cultura religiosa daquele povo, os jônios renomearam a deusa Oupis de Diana, pois era a deusa de sua terra natal.

Por volta de 54 d.C, o apóstolo Paulo com a influência indireta do apóstolo João, propagou a religião cristã. Com isso, construíram uma basílica com adoração a uma nova deusa. Para apaziguar a indignação do povo que não queria a substituição de Diana, o novo templo foi erguido ao lado do templo de Artemis. Assim, a população pode se adequar e honrar a nova deusa-mãe dos cristãos: Maria, mãe de Jesus. Com isso, os artesãos e outros comerciantes puderam adaptar seu trabalho fazendo novas imagens do templo e da deusa para os peregrinos. Isto permaneceu até a invasão e conquista do Islã, onde restou ruína e abandono.

Como visto, sabemos que a exaltação da figura feminina como deusa está presente em algumas culturas e em épocas diferentes. Porém, nas sociedades monoteístas tem-se a figura de um Deus todo poderoso. Isso remete à diferença de gênero tanto no âmbito social, quanto religioso, embora não seja tema tratado no trabalho de Freud.

As leituras dos textos freudianos apresentadas acima ressaltaram alguns pontos relativos a uma determinada visão do feminino que tentaremos enumerar em seguida. Um desses pontos diz respeito à dificuldade de sublimação que, segundo Freud, é um ponto de difícil superação pelas mulheres o que gera a dificuldade no trabalho fora de casa.

Um outro ponto diz respeito ao que poderíamos identificar como um conflito nas proposições freudianas entre, de um lado a idéia de uma mulher temida, perigosa, hostil, considerada como um mistério, e obscura e, do outro, a representação da mulher como submissa, inferior, marcada pela exclusão de sua sexualidade, enquanto que o homem pode usufruir do sexo frágil.

Freud também faz uma descrição do feminino dos povos primitivos em que a mulher é marcada pela revolta vivenciada em sua primeira relação sexual e afirma que a satisfação sexual da mulher é uma experiência mais complexa e que demora mais tempo que a satisfação do homem.

Também merece destaque as referências culturais marcadas por traços morais religiosos e as regras construídas socialmente. Faz também observações sobre o feminino nos ícones religiosos como a mãe virgem no catolicismo. Aqui notamos uma representação dupla entre santa e demônio no que se refere a mulher.

Considerações finais

Ao longo do presente trabalho, buscamos discutir o tema da feminilidade em Freud. Como opção metodológica, tentamos traçar os diferentes caminhos feitos pelo autor ao longo de suas obras. O tema da feminilidade em Freud, dissemos, parte da ideia de um corpo feminino atravessado pelo adoecimento histórico.

Ao abordarmos os casos clínicos citados no primeiro capítulo, aparece a figura da “menina sedenta de amor”. Tal figura faz referência à mulher que, do alto de suas poucas possibilidades de satisfação, encontra no adoecimento a única possibilidade de afirmação da vida. A predisposição à histeria parece ser um fato. O lugar destinado ao feminino nestas obras denota inferioridade, ainda que certa Elizabeth deseje ter um destino diferente daquele previsto por sua sociedade patriarcal. Aliás, associar feminino e inferioridade, digamos, parece ser o mote dos trabalhos freudianos.

Essa marca se manterá adiante. Afinal, a lógica da inveja do pênis atravessará, de diferentes maneiras, basicamente todos os textos que utilizamos nos dois capítulos posteriores. Além de odiar a sua mãe e desejar um filho do pai, a invejosa menina terá de abandonar a masturbação clitoriana e aceitar, por assim dizer, que a sua vagina é um abrigo destinado a acolher – numa posição passiva –, o homem, ativo, detentor do referido órgão. Não basta apenas acolher, passivamente. Para acessar a feminilidade, caberá a ela transformar a vagina em uma zona erógena. Obviamente, isto não passará sem efeitos. A mulher, parece dizer Freud, carregará uma espécie de sentimento de vergonha, de menos valia, já que é incompleta. Também tenderá a compensar sua inferioridade de forma vaidosa, no sentido estético propriamente dito. Valorizar seus encantos torna-se uma maneira de não demonstrar sua incompletude.

Seguindo esta linha de raciocínio, é óbvio que a mulher não pode amar a civilização, mesmo que, inicialmente, ela –a mulher– seja a base da construção da família e, no fim das contas, da própria cultura. A mulher que aparece nas obras culturais é aquela que, em certo sentido, só faz consumir a energia do homem. Sua limitação intelectual a impede de participar das construções da civilização. Sua pouca possibilidade de efetuar a sublimação gera também pouca utilidade no mundo do trabalho. O que caberia a este Diabo? Outro tipo de inveja. Ao

ser relegada, deixada de lado, a mulher torna-se hostil à cultura/civilização. No limite, mantém-se a lógica da inveja.

Mulher faltosa, incompleta. Mulher como objeto de satisfação que deve ser evitado para que a libido seja empregada na transformação da realidade. É sabido que Freud é um pensador do século XIX, atravessado pelo patriarcado, talvez por isso sua concepção sobre o feminino nos passa a imagem de uma construção machista para nossa época.

Referências Bibliográficas:

FREUD, S. A cabeça de Medusa. (1940 [1922] In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18, p. 289-290.

_____. Conferência XXXIII – Feminilidade. (1932) In:_____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22 p. 113-134.

_____. Sexualidade Feminina. (1931) In:_____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 231-251.

_____. O Mal-estar na civilização. (1930) In:_____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21 p. 67-151.

_____. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.(1925) In:_____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 277-286.

_____. A Dissolução do complexo de Édipo. (1924) In:_____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19 p. 191-199.

_____. Uma neurose demoníaca do século XVII. (1923 [1922]) In:_____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19 p. 83-112.

_____. A Organização Genital Infantil. (1923) In:_____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 155-161.

_____. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. (1920) In:_____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18 p. 157-183.

_____. Tabu da Virgindade. (1917) In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11, p. 197-215.

_____. Grande é Diana de Éfesos. (1911) In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 371-374.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. (1910) In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11, p. 114.

_____. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. (1908) In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9 p. 167-186.

_____. Sobre as teorias sexuais das crianças. (1908) In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9 p. 189-204.

_____. Três Ensaio sobre a Sexualidade. (1905) In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7, p. 163-195.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria. (1905 [1901]) In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 07 p. 15-116.

_____. Estudo sobre a Histeria. (1895) In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2, p. 13-258.

_____. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. (1886) In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 37-49.

MAHONY, P. **Dicionário Internacional de Psicanálise**. In: MIJOLLA Alain (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 2005. v.1, p.752.